

*TIAGO REBELO*

O IMPÉRIO  
DOS HOMENS BONS

ASA



## ÍNDICE

INHAMBANE, 1847 .....	9
A SINISTRA TRINDADE .....	59
MANICUSSE .....	97
OS DESVARIOS DO GOVERNADOR .....	169
A CONSPIRAÇÃO .....	229
FUGA PARA O SERTÃO .....	309
VIAGEM AOS HOLANDESES .....	353
SERRA ONDE HÁ SAL .....	401
REGRESSO A CASA .....	441
O MAL DA SAUDADE .....	475
EPÍLOGO .....	519
GLOSSÁRIO .....	525
BIBLIOGRAFIA .....	529



INHAMBANE, 1847



# 1

A menina saiu de casa e correu tão depressa quanto lhe permitiram as pernas fininhas debaixo do vestido adejante. Atravessou a vila, esquecida do temor reverente que a noite lhe inspirava, tais eram os nervos de fazer chegar o recado aflito e ordenado com a urgência de uma vida que não se compadecia das circunstâncias alheias para nascer à hora que lhe aprouvesse a sorte. Negra mas de pele clara – tão clara que nem disfarçava a origem europeia do pai incógnito –, pequenina e magrinha, quase um bebé nos seus cinco anos mal acabados, Eugénia voou muito ligeira pela rua deserta, ágil no seu apuro, deixando no ar um rasto de nuvenzinhas de poeira, provocado pelos seus pés descalços pontuando o chão de terra fofa. Ia a casa da parteira negra que tinha trinta anos de experiência a ajudar as crianças da vila a saírem do ovo materno. Pretas ou brancas, a horas e a desoras, a anciã era sempre chamada, porque todos confiavam nela para concretizar o milagre. A prática favorecia-a, pois não havia memória de um nado-morto nas suas mãos sábias, e até os casos mais improváveis acabavam bem na maioria dos partos. E, se era verdade que uma ou outra ficara atoleimada ou aleijada para o resto da vida, não se atribuía essa infelicidade ao facto de esta

ter nascido cinzenta, sem oxigénio, de pernas para o ar, de braço partido, enfim, de qualquer maneira, mas à vontade divina – dizia-o ela, e corroborava-o o padre que, sugerindo implicitamente uma ligação directa ao Altíssimo, confortava a desilusão dos progenitores com argumentos sagrados. Os desígnios do Senhor eram insondáveis, estava bem de ver, e a reputação da parteira, imaculada, e assim devia permanecer para benefício de todos.

Eugénia bateu-lhe à porta e gaguejou que um rio de água descera pelas pernas da mãe e que esta lhe gritara que a fosse chamar a correr. «Vamos lá, então», disse a parteira, e sossegou a pequena com uma festa na cabeça, um sorriso tranquilizador.

O Padre Montanha soube a notícia enquanto ceava sentado à mesa da cozinha, imbuído no silêncio das meditações nocturnas. A escrava circunspecta que lhe velava as noites veio importuná-lo de mansinho na sua melhor hora: as dez, que era aquela em que reencontrava a paz, sozinho, no resguardo de casa, podendo, enfim, tomar uma refeição frugal, digerir uma reflexão sem interrupções, juntar os pedaços do dia para lhes dar uma ordem, uma coerência. Embora acordasse religiosamente às cinco e meia da manhã, não lhe bastavam as horas de um dia para tantos esforços. As obrigações paroquiais, as almas famintas que o procuravam para lhe pedir conselhos piedosos, as missas, as obras da igreja nova, e as de que se encarregava a pedido – pelas quais recebia boa paga –, as suas propriedades rurais em Mongo e em Maxixe, na outra banda, onde tinha escravos, eram demasiadas ocupações para um padre só. Valiam-lhe

o espírito prático, o temperamento sereno e disciplinado, para não se atrapalhar no sorvedouro dos dias.

De modo que, Padre Montanha foi interrompido por um fantasma durante a ceia. A escrava surgiu silenciosa das trevas, do fundo da enorme cozinha, onde não chegava a luz trémula da vela que crepitava baixinho na mesa, e insinuou a sua presença sem um pio.

— Credo, Não Val Nada! — alarmou-se ele. — Assustaste-me mulher.

Não Val Nada sobressaltou-se com o susto do padre.

— Ao que vens tu? — perguntou-lhe.

— É a Leonor, senhor padre.

— O que tem ela?

— Está na hora — disse.

— A esta hora? — resmungou o padre, contrariado com os caprichos da natureza.

— Sim, senhor padre, a Eugénia foi chamar a parteira.

— E, ela já lá está?

— Já sim, senhor padre.

— Hum... Está bem. Vai, vai, vai-te lá deitar — enxotou-a.

Não Val Nada fez um assentimento mudo, rodou nos calcanhares descalços, retirou-se com passinhos tímidos, fundindo-se com a escuridão da cozinha.

O padre ficou-se a pensar no decoro. Leonor era sua escrava aos vinte anos, altura em que ele a decidira baptizar e libertar da obrigação escrita de «continuar a servir-me e a tratar-me com zelo e amor, como até agora

tem tratado». Leonor obtivera o estatuto de mulher livre com a simplicidade que a natureza lhe dera. Joaquim Santa Rita Montanha, padre mas também um ainda fogoso homem aos trinta e três anos, deparou-se com aquela mulher de formas apetitosas a passarinhar pela casa, fazendo a lida com um vestido exíguo, uma alça descaída e a curva de um seio demasiado reveladora. Ao surpreendê-la de joelhos, a esfregar o chão de pedra da cozinha, embalada por uma cantilena landim das suas origens lá do interior, a norte do rio Limpopo, com aquela voz doce de menina e com aquelas coxas duras de mulher feita por baixo do vestido subido, o padre Montanha inspirou fundo, assaltado pelo diabo aceso dentro das calças. Apanhado assim de surpresa pela própria condição humana, debatendo-se com o instinto, Joaquim precipitou-se para o quarto e foi sentar-se à secretária, agarrar-se aos papéis para se distrair das tentações fátuas que, acreditava, eram menores do que a sua missão na Terra. Mas quando ela se inclinava à frente dele para o servir à mesa de jantar, ainda que sem a malícia de o pretender seduzir e sem um cálculo mal-intencionado, o decote largo e descuidado daqueles trapinhos diáfanos, que Leonor costumava trazer, atraía implacavelmente os olhos do padre para a visão dos seios bonitos que lhe faziam lembrar dois limõezinhos frescos, de auréolas escuras e de bicos salientes. Um pingo de suor escorregava do pescoço dela, por um dos seios, e ele imaginava ser uma gota de sumo em que os seus lábios sedentos aspiravam beber. Nessa prova de força moral, o padre Montanha passava o guardanapo pela testa, igualmente perlada de gotas de suor, e amaldiçoava o calor que fazia naquela terra. Ela sorria sem compreender o efeito devastador

que exercia no pobre homem de Deus e perguntava-lhe se ele queria mais batatas. Este pousava uma mão febril na dela que segurava uma colher, como se apenas a quisesse impedir de o servir mais, dizia-lhe «está bem assim, obrigado», e devolvia-lhe um sorriso culpado, penitenciando-se por não resistir ao desejo de tocar naquela pele morena e macia.

Ciente de que Deus testava os homens com as piores luxúrias, o padre rezava para retrair a impudicícia que lhe perturbava a alma sempre que regressava a casa, duas vezes ao dia: no calor asfixiante das três da tarde e no alívio da noite chegada, encontrava-la ardente e feliz a recebê-lo com uma bebida fresca no jardim, onde ia acabar o dia sentado numa cadeira de vime, de pernas esticadas, apreciando o piar alegre dos pássaros na gaiola grande, o estrídulo dos grilos ao bater das asas, o doce cheiro da alfazema que crescia nos canteiros e que lhe aliviava as dores de cabeça. E, vinha Leonor servir-lhe o copo de refresco numa bandeja. Ficava ali um pouco, à sua frente, sempre irrequieta, a passar o peso do corpo de uma perna para a outra, com a bandeja, ora debaixo do braço ora presa nas mãos atrás das costas, sorridente e divertida, a responder com graça às questões dele sobre as coisas do lar. Joaquim prolongava a conversa com perguntas inúteis mas que lhe pareciam urgentes, para a reter mais um pouco. Queria saber o que ela fizera durante o dia, o que era a janta, se faltava algo na despensa ou se a escrava fora às compras, do que se falava por aí, os mexericos do povo. Perguntava-lhe o que as pessoas diziam dele. «Só coisas boas», respondia ela com sinceridade. «Nós nunca temos a certeza do que as pessoas pensam de nós, porque dizem o bem pela frente

mas comentam o mal pelas costas», replicava o padre, tocado pela melancolia. «E é com as que garantem que nos dizem todas as verdades na cara que devemos ter mais cuidado. Essas são as falsas, mentirosas, as que sentem necessidade de afirmar o contrário para encobrirem a sua falta de carácter.»

Deixava sempre no ar uma reflexão e, depois, estendia o braço cansado como se ele fosse um velho necessitado de ajuda para se levantar. Leonor oferecia-lhe a mão; ele punha-se de pé, baixava a mão presa à dela, ao nível da coxa, levando-a a aproximar-se perigosamente de si, e, com a outra, segurava-lhe carinhosamente a cabeça, mergulhava os dedos no cabelo curto e forte dela, depositava-lhe de olhos fechados um beijo na testa, perdia-se no seu cheiro intenso a alfazemas do banho acabado de tomar. Ele, uns bons dois palmos mais alto que Leonor; ela, pequena e exposta aos braços musculados do seu senhor, os dois assim tão juntos, mais do que aconselhava a sensatez, vacilavam por momentos à beira de uma vontade, mas sem uma resolução. O padre, contrariado pela lei de Deus, retraía-se num arrependimento de último minuto; a escrava, inibida pela lei dos homens, encolhia o coração submisso ao arbítrio do dono.

«Bom», dizia ele ao fim de um precioso momento, apartando-se dela com um suspiro, «vamos à janta, que fica tudo frio». E, nessa época, aquela era a sua melhor hora do dia.

## 2

O fogo que ardia no rosto do padre, a angústia que lhe comprimia o peito, o pensamento viciado que evocava Leonor a todas as horas eram sintomas desoladores de que ele estava a perder uma íntima batalha com o maldito desejo. E, tudo aquilo era uma dor, uma tortura, pois Joaquim não se concentrava nas coisas importantes, nas responsabilidades. As obras da igreja nova atrasavam-se irremediavelmente antes das chuvas, e ele não queria saber. Uma das suas duas lanchas, a *Gasta Dinheiro*, embarcação de 7,6 toneladas, quase fora, com a carga, ao fundo na baía de Inhambane, numa manobra temerária do seu mestre ébrio, e o padre sentia que era ele quem naufragava no pântano de amores profundos. Numa inspiração do diabo, convocou Leonor para a missa das sete com o argumento cínico de que ela devia vir à casa do Senhor encher o coração com a palavra de Cristo, e agora ali estava ele, todos os dias, a papaguear o sermão no altar, hipnotizado por uma visão divina: Leonor, em pé, lá atrás, com uma renda solene a cobrir-lhe o rosto bonito, muito aprumada na obediência que lhe devia. Era tão óbvio o seu encanto que as beatas das primeiras filas torciam o pescoço para verem o que via ele no fim

da igreja. As senhoras, espantadas, piscavam os olhinhos desconfiados para enxergarem melhor o que se passava lá atrás e, ao descobrirem só a escrava landim, punham-se incrédulas a tecer enredos de sacristia.

A seguir à missa, o Padre Montanha enchia-se de coragem, passava pela longa fila de beatas que já o aguardava e enfiava-se no confessionário, abafado, a ouvir o relambório de escândalos inofensivos que lhes afligia a alma. Penava-lhe o sacrifício de escutar tantos pecados ridiculamente pequenos, a maioria só de pensamento e quase nenhum mortal. Em contrapartida, ficava também a par de quem dormia com quem e de quem roubava quem, as únicas informações de interesse prático que, não obstante o carácter secreto da sua função, lhe dava jeito saber para gerir as intrigas quotidianas da terra. Com efeito, o padre era a pessoa mais bem informada de Inhambane e exercia uma influência decisiva na vida da vila. Tudo lhe ia parar às mãos. Ele era o regaço dos pobres, o moderador das quezílias corriqueiras da arraia-miúda, o apaziguador quando o sangue fervia e a violência dos homens explodia por uma futilidade qualquer, o conselheiro das maquinações dos ricos e dos políticos que se digladiavam pelo poder, o intermediário que fazia a diplomacia de paz com as tribos que habitavam a zona da baía, cercando a vila: os tonga de Morrumbene a norte, os chopi a sul e a sudoeste, os landins a oeste e a noroeste. Na realidade, só em redor da baía, havia uma população de trinta mil bitongas. Os régulos destas aldeias chefiavam milhares de guerreiros, enquanto os europeus que viviam na zona não passavam de umas escassas centenas. Era preciso

explorar, com inteligência, as rivalidades tribais a favor dos europeus e gerir, com habilidade, a permanente tensão entre estes e os indígenas. Com efeito, na já longa lista de governadores da vila de Inhambane, constavam algumas personalidades de pouca sensibilidade que haviam despeitado a política de boa vizinhança de que dependia a sobrevivência dos brancos. A tentação do uso da força para se subjugar os *selvagens* já custara a vida a um ou outro governador, e às suas tropas, cujas colunas invasoras tinham acabado dizimadas em território hostil. Fazia agora cinco anos que um novel governador, acabado de chegar a Inhambane e ainda cheio de jactância, partiu, quase a seguir à sua posse, em direcção a Zavala, no sul, à frente de quase todos os soldados regulares disponíveis e de uma parte importante dos milicianos, com o objectivo de trazer de volta um marfim apresado. Mas, percorridas algumas léguas, a força havia sido arrasada pelos guerreiros inimigos. O governador fanfarrão e os duzentos e oitenta homens válidos morreram, vítimas da precipitação do voluntarioso oficial.

Não obstante, em geral, o dia-a-dia do Padre Montanha não era assim tão emocionante, não se tratava de evitar guerras regionais, ele quedava-se antes pelas invejas das beatas, segredadas ao seu ouvido no confessionário, e pouco mais. Rezava para que elas apressassem o desinteressante relato dos seus pecadilhos inúteis e despachava-as com Ave-Marias expiatórias. No entretanto, mal as ouvia. Dava por si sonhador, a pensar em Leonor, a imaginar verdadeiros pecados da carne que o penalizavam mas que ele não podia

evitar. Naquele cubículo sufocante, começava a sentir calores perversos por baixo da batina, que lhe subiam da virilha e que lhe incendiavam o espírito contrariado. Ficava todo vermelho, a pingar suores da testa, e alargava o cabeçaõ com um dedo nervoso. Ansiava por sair dali para apanhar um pouco de ar puro, se distrair com as obras da igreja nova ou assistir à descarga das mercadorias de uma das suas lanchas, na feitoria do amigo Vicente Tomás dos Santos que, naquela época, lhe dava guarida provisória nos aposentos de um anexo de uma das suas propriedades, no bairro de Balane.

Para desespero do padre, ficava sempre para o fim a mulher do governador, Dona Ana Arouca, uma trintona roliça e baixinha que, ao contrário das outras beatas devotas, só se dedicava às causas da Igreja porque se aborrecia em casa e porque o seu desprezo aristocrático pela maioria da *gentalha* que habitava aquele lugar infecto, onde o seu marido fora colocado, na sua opinião *por ser fraco e incompetente e por não conseguir nada melhor*, também não a incentivava a convidar senhoras para um refresco. Já o Padre Montanha, que era de boas famílias, exercia nela uma certa atracção. Ao abrigo da confidencialidade da confissão, Dona Ana não se poupava a referências mais ou menos explícitas aos calores que lhe davam os bicípites do padre. Dizia-lhe estas coisas com pretensa graça, soltava gargalhadinhas nervosas, mostrando-se jovial e inocentemente atrevida.

Vexada com a carreira medíocre do marido, Dona Ana não perdia uma ocasião para o criticar. Lamentava-se da vida triste e desinteressante que levava, queixava-se do calor opressivo de África, tinha medo dos pretos e horror

ao povolêu branco de Inhambane. Faltava-lhe o mundo, dizia; sentia saudades de Lisboa, das *soirées* no S. Carlos, e faltava-lhe Paris! A questão do padre era só mais um pretexto para ela atazanar o pobre governador, bem entendido, pois, sabendo o quanto ele se incomodava por ela passar tanto tempo na igreja, Dona Ana punha-se toda alegre como um passarinho feliz a chilrear, ao final do dia, e elogiava o padre até à exaustão: como ele era um homem de grandes capacidades, de muito trabalho, como a impressionava a sua boa cabeça. Um padre dos sete ofícios era o que ele era, e um orador de mancheia, porque dava gosto ouvi-lo falar na missa, e um bom amigo, de bons sentimentos, que tinha sempre uma palavra decente para aquelas tristes mulheres sem vida própria que lhe enxameavam a paróquia. Ele dava-lhes bons conselhos, sabia levá-las, reconfortar-lhes o espírito. Enfim, Dona Ana tinha-o como uma pessoa extraordinária, algo que, como fazia questão de deixar claro com frequência, não pensava do próprio marido. Era isto ao jantar, ao serão, e se, a certa altura, o governador, refugiado no seu jornal enviado de Lisboa, baixava as páginas com notícias atrasadas, espreitava por cima das lunetas e resmungava qualquer coisa ácida sobre o padre, ela, satisfeita por o marido ter mordido o isco, empertigava-se toda ofendida e defendia-lhe a honra com uma exaltação descabida, uma indignação esganiçada, pois não havia direito que ele desconsiderasse assim o santo homem. Se o marido tinha alguma falha grave a apontar-lhe, então que a dissesse ali mesmo, sem contemplanções, quando não, mais valia que se abstinésse de caluniar assim uma pessoa de carácter tão forte e impoluto. Ele, enciumado,

abria a boca para contrapor, mas, não tendo de facto nada de realmente indecoroso para o acusar, acabava por se dissolver no jornal, desanimado como um triste cão de orelhas caídas, limitando-se a aplacar a fúria da mulher com uma palavra apaziguadora:

— Então, filha, acalma-te, não te ponhas assim.

Não obstante a aversão do governador ao padre, ou também por isso mesmo, Dona Ana nutria por ele enormes simpatias, entusiasmava-se bastante na sua presença, talvez até um pouco demais para o que seria razoável. Um dia, chegou animadíssima e esperou pelo fim da missa para lhe falar em confissão. Não que tivesse qualquer pecado para se penitenciar, a não ser o único que ela não referia e que guardava pelo momento da confissão para cometer: as liberdades atrevidas a que se permitia, quando se dirigia ao padre no segredo do cubículo. Ele fingia que não percebia, fazia-se de tolo, mas, nessa ocasião, viu-se obrigado a ser mais firme na sua recusa.

Dona Ana pediu-lhe que fossem para a sacristia porque estava dorida de tanto se ajoelhar na madeira do móvel. Ainda comentou que havia de se colocar ali uma almofadinha para uma pessoa aguentar de joelhos o tempo de um pecado. O que ela pretendia, evidentemente, era emboscar o Padre Montanha no recato de uma sala, sem o pudor da grade que lhe cortava a visão e lhe impossibilitava o contacto físico. Desejava descobrir a sua expressão numa intimidade, estender a mão para segurar a dele. Queria dar-lhe a entender que o afortunado governador, seu marido, morria de ciúmes dele, para que assim Joaquim percebesse a sorte que

também ele tinha por ser digno do seu interesse, da sua atenção. Mas não imaginou que o padre lhe recusasse o capricho, e o seu coração palpitante quase parou quando ouviu o não. Foi uma desilusão, uma desfeita. Dona Ana, contrariada com a inesperada negativa do padre, ergueu-se cheia de nobreza e declarou-se ofendida e que, sendo assim, não se confessava.

— Passe bem — disse, gelada. Voltou costas, foi-se com um amuo, de coluna direita mas de beicinho a tremer de desgosto.

Chegou à rua com as pernas frouxas. O bafo quente da manhã sugou-lhe o oxigénio dos pulmões, e Dona Ana teve uma falta de ar. Levou ao seio arfante a mão aflita, parou à torreira do sol de boca aberta como um sapo a respirar em seco. Não havia uma aragem. Esquecera a sombrinha na atrapalhão da saída, mas não quis voltar à igreja para a buscar; faltou-lhe a coragem.

Doente de raiva, deteve-se um instante a recuperar as funções vitais. Depois, mais capaz, atravessou a rua, levando a cauda do lindo vestido – escolhido com esmero pela manhã – a arrastar negligentemente pelo chão de terra.

Entrou em casa muito afectada, muito dramática, consumida pela rejeição, abandonou-se no *maple* da sala a escorrer lágrimas, digna de dó, escondida na penumbra, ao abrigo das portadas fechadas para travar o calor insuportável das dez da manhã. Ali ficou quebrada numa tristeza infinda. Chamou a criada para que lhe trouxesse água fresca e, neste entretanto, recordou-se do Padre Montanha na missa e da escrava em pé,

ao fundo da igreja, de como o tinha achado distante no sermão, sem verve e sem chama. Estava a pensar nisto, a juntar os pontos todos, e, de repente, fez-se luz.

— Ai, o sacrista!

— Credo, minha senhora, que até se me dá uma coisa. — Apoquentou-se a criada, Cidália, uma saloia típica, de faces rosadas, bem nutrida, cheia de refegos, que viera de Lisboa juntamente com os móveis, as loiças, enfim, as coisas todas de lá, que sem o seu conforto é que não, avisara logo Dona Ana, imaginando Inhambane tal e qual veio encontrar: uma terra rústica, quase selvagem, onde não havia nada.

— Deixe ver a água — ordenou. A outra ficou a vê-la beber, aprumada no uniforme, alisando o avental branco com os dedos gorduchos, mirando a patroa com olhinhos curiosos. Esta mandou-a embora sem contemplação, fazendo um gesto soberano antes mesmo de baixar o copo.

Dona Ana ficou a matutar no padre até ao almoço. À mesa mal falou, meditabunda, sem fome, a brincar com os restos de um frango frio. O governador encontrou-a abatida, preocupou-se, mas ela disse-lhe que era só o calor que a deitava abaixo. Com efeito, ao fim do dia, passara-lhe o desgosto substituído por um gérmen vingativo, e já o serão ia quase acabado quando ela quebrou o silêncio com esta frase mortal:

— Estou desconfiada de que o padre tem um fraquinho por uma escrava dele.

O governador, incrédulo, baixou o jornal sobre o colo, depositou-lhe as lunetas em cima, abriu a pupila míope, fitou a mulher, a pensar se teria ouvido bem.

— O que dizes?

— O Padre Montanha leva a escrava à missa —  
disse —, só tem olhos para ela.

— Mas, filha, se ainda ontem era um santo homem!  
Dona Ana encolheu os ombros.

— Ontem era, hoje já não sei.

